

HUMBERTO BASTOS - *A ECONOMIA BRASILEIRA E O MUNDO MODERNO* (*Ensaio geopolítico sobre a estruturação do capitalismo brasileiro*)

São Paulo, 1948

O sr. HUMBERTO BASTOS, economista militante, jornalista diário, autor de obras como *A Marcha do Capitalismo no Brasil* (1944) e *Produção ou Pauperismo* (1946), chega hoje a sua maturidade intelectual.

O alentado volume de *A Economia Brasileira e o Mundo Moderno*, iniciado em 1938, como esclarece o autor no prefácio, só em 1948 vem a lume. Foram dez anos de lenta e laboriosa gestação, em que o mundo e o economista envelheceram juntos. Daí o feitio inteiriço da obra, sua contestura densa, o tratamento percuciente de alguns problemas vitais ao Brasil.

*A Economia Brasileira e o Mundo Moderno* é, acima de tudo, uma obra de retificação. Retificação bem feita e bem concatenada, de ângulos e pontos de vista a respeito de fatos decisivos de nossa história sócio-econômica. Até então, o Sr. HUMBERTO BASTOS era veemente apaixonado dos problemas brasileiros. Estudava-os com afinco, mas lhes dava muitas vezes soluções unilaterais, em que o impacto das injunções internacionais quase sempre aparecia esbatido ou diluído.

O volume que ora se publica foge a êste rumo. Os fenômenos — mesmo os julgados como estritamente brasileiros — recebem um tratamento universal de larga perspectiva histó-

rica, em que se procura discernir minuciosamente os efeitos na economia do Brasil de fontes e fenômenos exógenos. Negando *ab-initio* a existência de feudalismo no Brasil-colônia, o autor renega os resquícios medievais até hoje apontados por nossos historiadores. E escudado em exaustiva demonstração, aplai-na o terreno para plantar as estacas decisivas da obra : a formação brasileira em moldes eminentemente capitalísticos.

Neste sentido, começa derogando o preconceito da semelhança e o exemplo dos Estados Unidos da América do Norte, no que tange às tendências do Brasil colonial, para, valorizando grandemente a atuação de portugueses e holandeses no Brasil, passar a situar nossa economia colonial não apenas dentro da conjuntura portuguesa, pela precoce industrialização do açúcar, mas também dentro do capitalismo europeu, pela acumulação de capitais decorrentes do surto de mineração.

Examina o autor, em capítulo posterior, os reflexos no Brasil da industrialização na Europa, com o resultante prestígio das cidades sôbre os campos e a influência depressiva dos investimentos a crédito, que nos levaram a uma drástica política tributária, centralização administrativa e anarquia financeira.

A revolução liberal — afirma o autor — perdera o sentido para o Brasil. E dentro dêste vazio, entraria o país na fase republicana, com tentativas industriais frustradas, descabidas lutas tarifárias e um regime generalizado de imprevidência nacional, que lhe vinha do Primeiro Império.

Finalmente, entra o livro a situar nossos complexos capitalistas no regime republicano, salientando-se então os esforços de RUI BARBOSA, como Ministro da Fazenda, que o autor cognomina de *Ministro da Independência Econômica do Brasil*. Neste ponto, seguindo as pegadas de JOÃO MANGABEIRA, o mais recente biógrafo do grande baiano, HUMBERTO BASTOS retifica exaustivamente muitos pontos da atuação de RUI frente os interesses estrangeiros que o esclarecido ministro ousou então sacrificar. Mesmo a propalada “loucura” dos bancos de emissão, aí aparece transparente, provadas que estão a escassês de numerário na época, as aflições das associações comerciais e dos banqueiros, e as necessidades de lastrear o desenvolvimento econômico do país.

Salientando o interesse dos "trusts" e cartéis internacionais na nossa política estéril de empréstimos estrangeiros para solver apenas os compromissos do Tesouro, chegou o autor a situar com grande descortínio os fenômenos mais representativos de nosso empirismo financeiro, que até hoje oscila indeciso entre a indústria e a lavoura.

O volume, neste ponto, desenvolvendo palpitante libelo contra todos os grandes erros do passado, transfigura-se na história minuciosa da atuação pusilânime dos governos anteriores frente à economia nacional, e, mais ainda, numa análise fria e incisiva dos jogos imperialistas dos grandes centros do capitalismo internacional.

A páginas 250, escreve amargurado o autor, numa sombria síntese de nossa evolução econômica :

"Não fundamos o grande Império.

Depois veio o outro sonho da grande República da América do Sul. E os nossos índices demonstram que não chegamos ainda a realizar esse ideal. Depois de passarmos pela experiência, também imitada e também fracassada, de um grande Estado Corporativista, já cogitamos de criar uma grande Nação Socialista. E de tôdas essas experiências e êsses ideais filosóficos que não correspondem à nossa estrutura econômica resta apenas o povo brasileiro com os seus níveis de vida assustadoramente baixos, depois de quatro séculos de lutas".

A *Economia Brasileira e o Mundo Moderno* é uma grande advertência.

*J. Saldanha da Gama e Silva*